

CAPÃO PECADO: À MARGEM DA VIDA E DA LITERATURA

José Alves Teixeira¹; Roberto Bezerra da Silva²

Estudante do curso de Letras; e-mail: jose.atx@ig.com.br¹

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: robertbs@uol.com.br²

Área de Conhecimento: Literatura Brasileira

Palavras-chaves: Literatura marginal; sociocrítica; ideologia

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como foco a Literatura Marginal na contemporaneidade da periferia paulista. Falar em literatura marginal significa falar do lugar social da literatura e de sua função na sociedade brasileira. Esse gênero nos lembra que diferentes tipos de literatura circulam por diferentes esferas da sociedade, e que também há aquela faixa da população que não tem acesso ao cânone literário, a não ser pelo contato precário e muitas vezes inadequado que o ensino público básico proporciona. A literatura marginal trilha um caminho singular e busca construir um espaço que seja, ao mesmo tempo, negação da tradição elitista e excludente, representada pelo cânone literário, e negação também ao apelo mercadológico da literatura fácil e meramente de entretenimento. Por causa dessa singularidade, ela muitas vezes enfrenta o preconceito da academia e dos leitores literários em geral, que não a reconhecem como verdadeira “Literatura”, segundo critérios pré-estabelecidos e cristalizados. (Cf. NASCIMENTO, 2006). Para este estudo foi escolhida uma obra representativa da literatura marginal da periferia de São Paulo chamada *Capão Pecado*, de Ferréz.

OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa foram: 1. apontar as características da literatura marginal na obra; 2. levantar aspectos sociais e ideológicos presentes no livro; 3. discutir a especificidade lingüística do texto em sua relação com o gênero.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico na área da Literatura Brasileira, que investigou a obra literária de uma perspectiva sociocrítica (Cf. BERGEZ et al, 1997). Dessa perspectiva, a obra foi analisada não apenas em sua estrutura interna, mas principalmente a partir do diálogo que estabelece com a sociedade, a história e a ideologia. Iniciou-se o estudo pela leitura do *corpus*, seguida pelo levantamento do histórico, conceituação e caracterização da “literatura marginal”. As características deste gênero foram analisadas na obra, principalmente no que tange a sua linguagem, culminando com a discussão de seus aspectos ideológicos.

DISCUSSÕES

A palavra marginal adjetiva aqueles que estão à margem de algo, em condição de marginalidade perante a sociedade, considerados muitas vezes como delinquentes, em meio à violência e a criminalidade, ou simplesmente pobres e desempregados. Em sua grande maioria, a literatura marginal é realmente produzida por sujeitos “marginalizados” (moradores da periferia), que usam a obra para retratar os problemas e injustiças de seu cotidiano, sendo também classificada como “literatura da violência”.

Pode-se dizer que a literatura marginal é uma vertente da literatura realista, uma vez que se utiliza de certos procedimentos para produzir no leitor uma “impressão do real”. Há neste tipo de literatura uma grande preocupação com a verossimilhança (inclusive na reprodução “fiel” de determinadas variantes lingüísticas), com o objetivo de fazer o leitor acreditar na verdade daquilo que está sendo mostrado (Cf. REUTER, 1996).

Essa “experiência da verdade” está fortemente ligada à vivência dos autores, que funcionaria como um instrumento de legitimação dessa verdade. Além disso, essa literatura também é tida como marginal porque ela é produzida e veiculada à margem dos meios tradicionais, ou seja, ela não é legitimada pela mídia, pelas instituições de ensino ou pela academia.

Capão Pecado se enquadra perfeitamente na classificação de “literatura marginal”. Primeiramente, sabemos que o termo literatura marginal entrou em voga para fazer um recorte temporal dos textos escritos a partir dos anos noventa. O livro em questão integra esse movimento, uma vez que teve sua primeira edição datada de 2000. O estudo de Nascimento (2006) mostra-nos as características da literatura marginal na atualidade, partindo de suas categorias, é possível uma caracterização da obra *Capão Pecado*.

O romance alinha-se ao apelo e denúncia da carência das pessoas que vivem em situação menos favorecida na sociedade. A falta de acesso a bens materiais e culturais é um traço fundamental da vida na periferia.

A falta de infra-estrutura nessas comunidades urbanas é também alvo da crítica da literatura marginal. Torna-se claro em vários momentos que, no ambiente da narrativa, as pessoas convivem com essa precariedade pois o espaço comunitário da favela é marcado pela precariedade e pela ausência do poder público instituído.

Também a vida de trabalho no espaço da obra é marcada por dificuldades e falta de perspectiva. Apenas duas personagens conseguem quebrar relativamente este ciclo, no entanto, a sensação que a obra cria é de que os trabalhadores são sempre explorados ou enganados por seus patrões.

A violência é um tema onipresente em *Capão Pecado*. Na apresentação do livro, o próprio autor reconhece: “*Capão é um livro de mano pra mano. É ácido e violento. É um grito*”. Ela se manifesta de diferentes maneiras, como violência policial, violência por vingança, violência dos “manos” contra os próprios “manos”, ou violência no sistema penitenciário. Este tema está associado à questão da criminalidade, algo que está muito próximo da periferia.

Quanto à linguagem, as peculiaridades dos textos da literatura marginal são muito relevantes, pois funcionam como uma das formas de afirmação da identidade desse grupo e também funciona como um instrumento de realismo nas obras. As noções de centro e periferia, claramente presentes na construção social e econômica da trama, também dizem respeito à linguagem do narrador e das personagens. Surge no texto, nas falas das personagens, o registro da variante lingüística usada nas periferias da cidade de São Paulo, já que o espaço da obra é o bairro de Capão Redondo. Essa variante é também “marginal”, no sentido de que se afasta do padrão culto da língua e não tem seu *status* legitimado nas instâncias de poder: o mercado de trabalho, as instituições escolares, a “alta” cultura etc.

O fato de que as variantes tenham maior ou menor prestígio num determinado espaço não significa, no entanto, que possamos estabelecer juízo de valor em relação ao uso da língua de um grupo social ou outro.

Na obra podemos encontrar várias marcas da variante utilizada pelos “manos” da periferia paulistana: as gírias, os palavrões e as marcas de oralidade, de modo que ao ler o texto, mesmo não estando presente no momento, temos a impressão de estar vivendo a

situação e o momento do acontecimento, já que existe uma escrita informal que se aproxima da fala e que aproxima também o leitor.

A linguagem do narrador apresenta alguns aspectos peculiares, pois ela oscila entre a norma culta e a variante da periferia. Quando a narração se apropria da norma culta, instaura-se uma certa distância ou impressão de objetividade na maneira como se apropria dos fatos. Porém, quando há uma aproximação do narrador à personagem, aproxima-se também sua linguagem da linguagem da personagem, isso é, da língua falada, principalmente pelo uso do discurso indireto livre, a representação da “fala” interior da personagem diretamente inserida na linguagem do narrador.

Constata-se ainda que na obra existem diferenças na linguagem de algumas personagens, o que se dá de acordo com a vivência e o perfil de cada uma no decorrer da história. O protagonista traz em sua linguagem marcas da fala do grupo a que pertence, principalmente quando está com os amigos, porém, quando está conversando seriamente, é capaz de alterar seu registro para uma linguagem “polida” e educada. Isto está relacionado com suas leituras, um traço importante na construção da personagem que nos é apresentado desde o início da obra. Verifica-se que esse traço diferencia Rael, dos demais jovens da favela devido à maior flexibilidade que o protagonista tem, reflexo de sua preocupação com a educação e a leitura.

Para a análise dos aspectos ideológicos da obra, adotou-se a concepção marxista de ideologia, entendida como um conjunto de idéias, valores, crenças, normas e representações cuja função é dar os membros da sociedade uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, a partir dos interesses da classe dominante (CHAUI, 2006).

A literatura é um espaço fértil para o debate das ideologias, uma vez que ela representa uma visão sobre a sociedade, a partir do ponto de vista do autor e do grupo social a que ele pertence. Desse modo, podemos explorar as idéias presentes em *Capão Pecado* para discutir o pensamento desse grupo social, os jovens excluídos na periferia da grande cidade, em contraste com a ideologia da classe burguesa.

Na obra a ideologia dominante é questionada, pois o romance funciona como um “grito” de denúncia, revelando sua fragilidade. Por ser o protagonista do romance, é em Rael que encontramos mais claramente a tensão entre as classes sociais. Por um lado, ele é um desses jovens excluídos que sofrem cotidianamente as agruras de sua condição. Sua identidade com o meio se estabelece, entre outras maneiras, pela linguagem que utiliza, conforme já foi discutido. Por outro lado, ele aspira à mudança de sua condição. Sonha com um futuro melhor, com um emprego digno e com boas condições de vida. Seu esforço para superar as barreiras impostas pelo meio em que vive e por uma história familiar desfavorecida fica evidente na obra. É trabalhador, tem bons princípios, tenta manter-se afastado da violência e do crime. Sobretudo, ele busca ascensão social por meio do conhecimento e da leitura.

Com tais características, é também diferente dos amigos, que estão quase sempre “presos” a sua situação, sem perspectivas ou sonhos e para quem o crime e a violência são as únicas saídas que enxergam. Pode-se dizer que a personagem principal compartilha da ideologia dominante, pois acredita que há oportunidades na sociedade para aqueles que trabalham, se esforçam, estudam e têm uma conduta ética. O relacionamento amoroso mostrado na obra revela que ele também crê no amor e na família, pilares da ideologia burguesa, pois ele vive sua felicidade e realização com Paula, sua esposa, e seu filho.

Porém, o destino de Rael põe em xeque os seus ideais. Repentinamente, perde emprego, amor e família, quando sua esposa o troca pelo patrão. Nesse momento, a condição sócio-econômica da personagem se impõe sobre seus sonhos, como se não lhe fosse

permitido viver a felicidade que é roubada pelo poder e pelo dinheiro, representados pela figura do patrão. A partir daí, ele abandona também a dignidade e os valores éticos que possuía, entregando-se à vingança e a violência. Depois de ser preso, ainda alimenta o sonho de reconstruir sua vida, porém toda e qualquer esperança termina quando é assassinado na prisão.

Com esse desfecho, a obra deixa implícita uma questão: de que valeram o esforço, o trabalho, a retidão de caráter, o amor e o conhecimento para Rael? Seriam esses valores (a ideologia da classe burguesa) possíveis para toda a sociedade, ou representariam a realidade apenas para uma parcela privilegiada?

É possível entender o destino de Rael a partir da estrutura da tragédia. O sentimento que fica ao leitor no final do romance é de injustiça e desalento, afinal, o leitor desenvolve empatia pelo esforço genuíno do protagonista para encontrar a felicidade. Sua morte desperta “temor e piedade”, sentimentos necessários para a catarse, como ensinava Aristóteles (COSTA, 1992, p. 26). Na tragédia grega, o protagonista vivia conflitos que eram gerados por sua ação transgressora, por sua tentativa de ultrapassar os limites que lhe eram impostos pelos deuses. Já na tragédia moderna, os limites que o herói busca transpor estão dentro de si mesmo ou são impostos por sua situação sócio-histórica. Pode-se dizer que este é o caso de Rael, que vive uma contradição irreconciliável entre sua condição social e a tentativa de superá-la. O romance constrói a tentativa de superação e a busca da felicidade do herói como um ato de transgressão que tem de ser punido com a morte.

O romance representa como ideológico discurso dominante, o qual prega que a felicidade está ao alcance de todos que aceitem a moral e os valores da sociedade burguesa moderna. Esse discurso não se sustenta no âmbito da obra, ele se revela falseamento da realidade da periferia, portanto, ideologia.

CONCLUSÃO

Capão Pecado exemplifica a importância da literatura marginal na atualidade, revelando uma linha tênue entre ficcionalidade e realidade. Não busca atender a um padrão hegemônico de escrita ligado à tradição e “alta” cultura. Prende o leitor, por meio de uma linguagem simples e direta. O texto aproxima o leitor experiência de vida na periferia paulistana, tendo a linguagem como meio para construir o realismo da obra e para legitimar a “verdade” do que está escrito. Principalmente, traz de uma visão crítica da sociedade, ou seja, alimenta um diálogo entre o texto e a contemporaneidade, mostrando uma ideologia que precisa ser questionada e discutida criticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COSTA, Lígia M. *A poética de Aristóteles*. São Paulo: Ática, 1992 (Princípios).

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *“Literatura marginal”*: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de Mestrado, São Paulo: FFLCH-USP, 2006.